

LENDAS E CANÇÕES POPULARES, DE JUVENAL GALENO: A EXPRESSÃO POÉTICA DO POVO BRASILEIRO

Alexandre Vidal de Sousa
Fernanda Maria Diniz da Silva

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo acerca dos poemas de Juvenal Galeno constantes no livro *Lendas e Canções Populares*.

A obra *Lendas e Canções Populares*, que foi publicada pela primeira vez em 1865, apresenta 70 textos poéticos. Para a realização desse estudo trabalharemos, sobretudo com os seguintes poemas: “Vaqueiro”, “O Velho Jangadeiro”, “O Votante”, “A Instrução”, “O Velho Caboclo”, “O Pobre Cristão” e “O Voto Livre”.

Como fundamentação teórica, faremos uso das contribuições de estudiosos como Michel de Certeau e Albuquerque Júnior.

Ao longo do trabalho, é possível observar a importância da obra de Juvenal Galeno para a cultura brasileira, a partir da representação do seu povo e de suas experiências.

Juvenal Galeno: vida e obra¹

Juvenal Galeno da Costa e Silva, filho de José Antonio da Costa e Silva e de Maria do Carmo Teófilo e Silva, nasceu a 27 de setembro de 1836, em Fortaleza, na casa nº 66, da Rua Formosa, atualmente denominada Barão do Rio Branco, e faleceu em 1931.

Passou parte da sua infância no interior cearense. Em 1854, retorna à Fortaleza para estudar Humanidades. Já no Rio de Janeiro frequentou a

¹ As informações aqui apresentadas sobre a vida e a obra de Juvenal Galeno foram retiradas do livro *Literatura Cearense*, de Sânzio de Azevedo, publicado pela Academia Cearense de Letras, em 1976.

famosa Tipografia de Paula Brito, que agregava grandes intelectuais como Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo. Em 1906, em decorrência de um glaucoma, aposentou-se como Diretor da Biblioteca Pública, depois de haver sido editada toda a sua obra poética.

São de autoria de Juvenal Galeno as seguintes obras: *Prelúdios Poéticos* (1856), *A Machadada* (1860), *Quem com Ferro Fere com Ferro Será Ferido* (1861), *Porangaba* (1861), *Lendas e Canções Populares* (1ª ed. 1865; 2ª ed. 1892; 3ª ed. 1965), *Canções da Escola* (1871), *Cenas Populares* (1ª ed. 1871; 2ª ed. 1891; 3ª ed. 1969) e *Folhetins de Silvanus* (1891), *Cantigas Populares e a Medicina Caseira* (1969).

A expressão poética do povo brasileiro

A partir da leitura da obra de Juvenal Galeno, é possível verificar a constante presença do povo brasileiro, por meio da expressão e da valorização de sua cultura e de suas experiências de vida.

O poema “O Vaqueiro”, composto por dezoito estrofes, apresenta, já na primeira estrofe, um eu-poético que anuncia um canto à vida do vaqueiro, cuja rotina de um dia de trabalho pesado é suavizada pelo aconchego dos filhos e da esposa. Assim, ao longo do poema, é descrito o ofício do vaqueiro, ressaltando aspectos importantes da cultura brasileira, como: coragem, seca e relação familiar. Vejamos:

Ai, vida qu'eu levo por montes e vales,
 Catingas e grotas se vou campear;
 E após descansando, cercado dos filhos,
 E junto à consorte nos gozos do lar!
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.

(GALENO, 1965, p.48)

Como se nota, a coragem é uma característica bastante valorizada no espaço sertanejo e o vaqueiro acaba por se configurar como um modelo de destemor e luta. É o que se aprecia nos versos a seguir:

Eu vou-me às campinas, por entre os mocambos,
Saltando os barrancos não torço o correr!
Assim campeando meu gado visito,
Sorrindo aos perigos sem nunca os temer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

(GALENO, 1965, p. 48)

Segundo Albuquerque Júnior, “o sertanejo era acima de tudo uma reserva de virilidade, macheza, bravura, capacidade de luta, de enfrentamento [...] o sertanejo era um valente, um brigão, em defesa da honra e do bem” (2003, p. 210). Tal constatação do estudioso paraibano pode ser verificada nos versos abaixo:

Assim nestes campos campeão orgulhoso,
Por entre os perigos, - que fero lidar!
Depois – quase sempre ferido e rasgado,
A casa procuro... lá vou descansar.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

(GALENO, 1965, p 49)

No poema “O Vaqueiro”, podemos visualizar o sertão não apenas como um lugar geograficamente definido, mas, sobretudo como um espaço de construção histórica marcada por diferentes acontecimentos e vivências. Afinal, conforme explica Certeau “o espaço é efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 1994, p. 202).

Ao tratar sobre o sertão, é importante destacar ainda os contrastes entre o inverno e a seca reforçados nos versos a seguir:

Assim esta vida! ... Se é tempo de inverno,
Bem cedo nós vamos o leite tirar,
E após o almôço... que faça ela os queijos,
Qu'eu saio, a cavalo, qu'eu vou campear.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

Se é tempo de sêca que longas fadigas,
Abrindo as cacimbas pra o gado beber!
As ramas cortando, que a rês me suplica
Num berro, mais triste que o triste gemer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

(GALENO, 1965, p. 50-51)

Segundo Albuquerque Júnior, “O sertanejo seria da mesma natureza do juazeiro, única árvore a resistir às prolongadas estiagens, com seus predicados primaciais de resistência, sobriedade, desinteresse e franqueza” (2003, p. 208). É exatamente assim que Juvenal Galeno representa o sertanejo em seus versos.

Outra figura que faz parte do processo da construção histórica do povo brasileiro é o jangadeiro, conforme se vê no poema “O Velho Jangadeiro”. Nos primeiros versos, é apresentado o cotidiano do pescador:

Velho... fraco ... quase cego...
Meus dias passo no mar,
Sôbre a minha jangadinha
À noite volto ao meu lar,
Às vêzes rindo contente,
Muitas vêzes a chorar!

(GALENO, 1965, p. 52)

O mesmo poema mostra também a fome de muitas famílias que buscam no mar a solução para a miséria:

A miséria! não sei como
Nesse tempo não morri...
Quando a espôsa, quando os filhos
Gemendo de fome ouvi!
Então fiz esta jangada,
E uma esmola do mar pedi!

(GALENO, 1965, p. 54)

Outro aspecto bastante marcante é a religiosidade que podem ser vista nos versos a seguir:

Mas valeu-me a Virgem Santa,
A quem depois implorei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sôbre estas vagas correi!

(GALENO, 1965, p. 54)

[...]
Mas, confio em Deus... É suma
Sua clemência... bem sei!
Eia, vamos, jangadinha,
Sôbre estas vagas correi!

(GALENO, 1965, p. 54)

Nos versos de Juvenal Galeno, observa-se o clamor do eu-lírico direcionado à Virgem Maria e a Deus em um momento de aflição. De acordo com Galvão, “os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios (1976, p. 31). Assim, o poeta cearense retrata em seus textos a fé e a crença em santos presentes na tradição religiosa.

Na produção literária de Juvenal Galeno outro aspecto preponderante que não pode ser esquecido é a crítica à dificuldade de se alcançar o voto livre. Os poemas do autor nos remete, pois, ao voto de cabresto, sistema de controle de poder político por meio do abuso de autoridade e da compra de voto, imposto pelos coronéis, que ainda hoje se faz presente de forma mais dissimulada. Isso é essencialmente bastante contraditório, tendo em vista que votar é uma prática democrática enquanto que cabresto (do latim *capistrum*) significa mordaça, freio. É assim que as práticas políticas são retratadas em textos do poeta cearense, como “Votante”:

Me afirmam que sou votante,

Cidadão qualificado,

Olé!

Por isso já não descanso,

Dia e noite atormentado

Com pedidos,

Que respondo: - Só eu voto,

Só vou lá

Se me derem boa roupa,

Tá, - rá, - lá...

Sem o que, palavra d'honra,

Não vou lá.

(GALENO, 1965, p. 58)

É válido salientar que, em 1932, entra em vigor o primeiro Código Eleitoral do Brasil, que garante o voto secreto, ação essencial para o início de um processo eleitoral mais coeso. Além disso, a mudança gradual da população rural para as cidades também favoreceu o enfraquecimento do poder dos coronéis. Outra medida importante para a condução de um processo eleitoral mais sério se deu com a instalação do sistema de voto por meio da urna eletrônica em 1996, o que diminuiu as chances de fraude.

A crítica também surge contundente no que se refere à dificuldade de participação política por parte daqueles que são menos favorecidos economicamente. Vejamos o poema “O Voto Livre”:

“Dizem que o povo governa
Das urnas tôda a nação...
Pois, abaixo os opressores...
Castigada a corrupção!
Que triunfe o ilustre honrado
Por nossa livre eleição!”

(GALENO, 1965, p. 110)

E foi o filho do povo
Às urnas... para votar:
Mas, ai, não pôde...que a fôrça
Fê-lo o pleito abandonar:
Lembrou então seus direitos...
Não pode o pobre falar!

(GALENO, 1965, p. 110)

“Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é a do povo a eleição!
Triunfou a fôrça bruta...
Gemo agora na prisão!
Eis como é livre êste império...
Como é livre o cidadão!”

(GALENO, 1965, p. 111)

Como se verifica, por meio das passagens citadas, o voto livre não é concedido ao pobre. Além disso, o governo se limita a atender aos mais favorecidos economicamente.

O poema “A Instrução”, que também é de natureza crítica, nos traz uma importante reflexão sobre o contexto histórico-educacional da época, inicia-se com uma epígrafe “A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos”. O poema data de 1859, período do chamado Brasil Império. Neste momento histórico, estava em vigência o Ato Adicional de 1834, marco das medidas descentralizadoras do período regencial (1831–1840). Tal Ato Adicional

alcançou a área educacional, resultando na descentralização do ensino público no Brasil e instituindo a divisão de competências: Ao governo Central competia a reponsabilidade sobre o ensino superior em todo o território nacional e, pelos ensinos primário, secundário e profissional apenas no município do Rio de Janeiro; os governos provinciais, por sua vez, passavam a ser responsáveis, pela administração e legislação dos ensinos primário, secundário e profissional, dentro dos seus limites territoriais.

Além disso, a Constituição outorgada em 1824, vigente durante todo o período imperial, destacava que “A instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”. Em 15 de outubro de 1827, a Assembléia Legislativa aprovou a primeira lei sobre a instrução pública nacional do Império do Brasil, estabelecendo que “em todas as cidades, vilas e lugares populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias”. No entanto, na prática o quadro educacional se apresentava bem diferente, sendo caracterizado por grande dificuldade de acesso aos meios instrucionais. É o que se expressa no trecho seguinte:

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gôzo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Nem ler ao menos do Evangelho as letras,
Doutrinas santas que a virtude geram,
O povo sabe! Nem sequer os pobres
O nome lêem que à lustração tiveram!
Assim nas trevas – que destino ingrato!
Sombrios vícios na multidão imperam!

(GALENO, 1965, p. 63)

A tradição oral, que é transmitida de geração a geração, também é uma forte marca da poética de Juvenal Galeno que se faz presente em “O Velho Caboclo”:

Um velho caboclo, bem velho e pendido
Aos anos e afãos,
No alpendre da choça, cercado de filhos,
Queridos, louções,
Cantava o passado, chorava o presente
À luz do luar,
Dizendo ao começo da lenda sentida:
- Ouvi meu cantar!

(GALENO, 1965, p. 80)

É válido salientar que a tradição oral representa um patrimônio cultural fundamental para a condução de diferentes conhecimentos ao longo dos tempos. Segundo Pacheco:

Reconhecer a tradição oral é considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é propriedade de pessoas alfabetizadas ou letradas. É considerar que o patrimônio cultural é também formado por um tesouro vivo de bens imateriais que são transmitidos oralmente de geração em geração em diversas áreas do conhecimento, não apenas nas artes e na religião. Existe um sistema de educação informal, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza preservando e produzindo uma riqueza cultural e identitária no Brasil. (PACHECO, 2006, p.41).

Juvenal Galeno tece também fortes críticas à Igreja. É o que se vislumbra no poema “O Pobre Cristão”:

- Louvado seja e pra sempre
Jesus Cristo, o Redentor:
Oh, que os padres dêste tempo
Desprezam Nosso Senhor;
Adoram só o dinheiro,
Êste rei do mundo inteiro,
Que aos templos veio reinar!
Nada tenho?...

(GALENO, 1965, p.89)

Como se nota, a crítica não é voltada à fé cristã nem aos seus preceitos, mas sim à postura inadequada de alguns dirigentes religiosos que não se comportam de acordo com o que pregam.

Ao lermos os versos populares de Juvenal Galeno, não podemos deixar de estabelecer uma comparação entre eles e os textos de Gil Vicente, escritor português do Humanismo que também tecia fortes críticas aos religiosos que não viviam a moralidade que se espera dos líderes religiosos. O livro *O Auto da Barca do Inferno*, por exemplo, apresenta uma função moralizadora ao atacar o comportamento hipócrita do clero, da nobreza e do próprio povo português.

Assim tanto o escritor cearense quanto o dramaturgo português, apresentam obras voltadas não para o combate à Igreja, mas para a necessidade de uma reforma moral, a partir da prática de ações conscientes e valorosas.

Considerações finais

A partir da leitura dos poemas de Juvenal Galeno, é possível observar que o autor cearense consegue abordar com a mesma maestria poética diversos temas importantes não apenas para a cultura do Ceará, mas para todo o Brasil, tais como: as figuras do sertanejo e do jangadeiro que fazem parte do processo de construção de identidade do povo brasileiro.

Além disso, o olhar crítico do autor para a necessidade do voto consciente, bem como para a postura dos dirigentes das instituições religiosas se configuram como denúncias importantes que alertam o povo para a mudança de postura diante do cenário histórico-social em que vive.

Outro aspecto abordado ao longo do texto foi a preocupação do autor com a instrução do povo menos favorecido economicamente que não tinha acesso à educação.

Por tudo isso, verifica-se que a obra de Juvenal Galeno ainda hoje representa uma importante fonte de conhecimento e de valorização da cultura brasileira.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo—Uma história do gênero masculino** (Nordeste -1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL. 1976.
- PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis, Bahia: Gráfica Santa Helena, 2006.